



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 3, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 3 - EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E PRÁTICAS EDUCATIVAS

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <https://doi.org/10.29380/2020.14.03.21>

Recebido em: **30/08/2020**

Aprovado em: **03/09/2020**

FORMAR PARA QUÊ? UMA RODA DE CONVERSA COM ALUNOS DO ENSINO
MÉDIO; ¿GRADUARSE A QUÉ SENTIDO? UNA CONVERSACIÓN COM
ESTUDIANTES DE LA ESCUELA SECUNDARIA; GRADUATE TO WHAT SENSE? A
CONVERSATION WITH HIGH SCHOOL STUDENTS

ISLANE JANNAINA DOS SANTOS DA SILVA

<https://orcid.org/0000-0002-5541-8151>

VALDELICE DA CONCEIÇÃO SANTOS

<https://orcid.org/0000-0002-9047-1636>

Resumo

O Ensino Médio (EM) tem como objetivo formar o aluno para prosseguir os estudos, bem como prepará-los para o trabalho e para a vida. Porém, há controvérsias quanto a isso e questionamentos sobre se as escolas, realmente, têm formado o jovem para esses fins. Tais questões são mais presentes na zona rural, onde as escolas são, frequentemente, menos equipadas. Neste texto, analisamos a percepção de alunos de um colégio de zona rural, em Cachoeira-BA, sobre o EM e a interferência deste em seus projetos profissionais e/ou acadêmicos. Na coleta de dados utilizou-se a técnica de roda de conversa. Os dados revelaram que, para estes jovens, o EM os prepara para o trabalho e para a continuidade dos estudos. Portanto, embora o Colégio não tenha toda a infraestrutura, para estes alunos, o EM cumpriu seu objetivo.

Palavras-chave: Ensino Médio. Juventude. Expectativa de Futuro. Políticas Educacionais.

Resumen

La Escuela Secundaria (ES) tiene como objetivo entrenar a los estudiantes para que continúen sus estudios, así como prepararlos para el trabajo y la vida. Sin embargo, hay controversias al respecto y preguntas sobre si las escuelas realmente han entrenado al joven para estos propósitos. Estas cuestiones están más presentes en las zonas rurales, donde las escuelas suelen estar menos equipadas. En este texto, analizamos la percepción de los estudiantes de una escuela de una zona rural, en Cachoeira-BA, sobre la ES y su interferencia en sus proyectos profesionales y/o académicos. En la recolección de datos usamos la técnica de la rueda de conversación. Los datos revelaron que, para estos jóvenes, la ES los prepara para el trabajo y para la continuidad de sus estudios. Por lo tanto, aunque el Colegio no tiene toda la infraestructura, para estos estudiantes, la ES ha cumplido su objetivo.

Palabras clave: Secundaria. La Juventud. Expectativas Futuras. Políticas Educativas.

Abstract

High School (HS) aims to form students to continue their studies, as well as prepare them to work and for life. However, there are controversies in this regard and questions about whether schools have really educated young people for these purposes. Such issues are more prevalent in rural areas, where schools are often less equipped. In this text, we analyze the perception of students from a rural school, in Cachoeira-BA, about HS and its interference in their professional and/or academic projects. In data collection, the Focus Group technique was used. The data revealed that, for these young people, the HS prepares them for work and for continuing their studies. Therefore, although the School does not have all the necessary infrastructure, for these students, the HS fulfilled its objective.

Keywords: High School. Youth. Future Expectation. Educational Policies.

FORMAR PARA QUÊ? UMA RODA DE CONVERSA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

¿GRADUARSE A QUÉ SENTIDO? UNA CONVERSACIÓN COM ESTUDIANTES DE LA ESCUELA SECUNDARIA

GRADUATE TO WHAT SENSE? A CONVERSATION WITH HIGH SCHOOL STUDENTS

Resumo

O Ensino Médio (EM) tem como objetivo formar o aluno para prosseguir os estudos, bem como prepará-los para o trabalho e para a vida. Porém, há controvérsias quanto a isso e questionamentos sobre se as escolas, realmente, têm formado o jovem para esses fins. Tais questões são mais presentes na zona rural, onde as escolas são, frequentemente, menos equipadas. Neste texto, analisamos a percepção de alunos de um colégio de zona rural, em Cachoeira-BA, sobre o EM e a interferência deste em seus projetos profissionais e/ou acadêmicos. Na coleta de dados utilizou-se a técnica de roda de conversa. Os dados revelaram que, para estes jovens, o EM os prepara para o trabalho e para a continuidade dos estudos. Portanto, embora o Colégio não tenha toda a infraestrutura, para estes alunos, o EM cumpriu seu objetivo.

Palavras-chave: Ensino Médio. Juventude. Expectativa de Futuro. Políticas Educacionais.

Resumen

La Escuela Secundaria (ES) tiene como objetivo entrenar a los estudiantes para que continúen sus estudios, así como prepararlos para el trabajo y la vida. Sin embargo, hay controversias al respecto y preguntas sobre si las escuelas realmente han entrenado al joven para estos propósitos. Estas cuestiones están más presentes en las zonas rurales, donde las escuelas suelen estar menos equipadas. En este texto, analizamos la percepción de los estudiantes de una escuela de una zona rural, en Cachoeira-BA, sobre la ES y su interferencia en sus proyectos profesionales y/o académicos. En la recolección de datos usamos la técnica de la rueda de conversación. Los datos revelaron que, para estos jóvenes, la ES los prepara para el trabajo y para la continuidad de sus estudios. Por lo tanto, aunque el Colegio no tiene toda la infraestructura, para estos estudiantes, la ES ha cumplido su objetivo.

Palabras clave: Secundaria. La Juventud. Expectativas Futuras. Políticas Educativas.

Abstract

High School (HS) aims to form students to continue their studies, as well as prepare them to work and for life. However, there are controversies in this regard and questions about whether schools have really educated young people for these purposes. Such issues are more prevalent in rural areas, where schools are often less equipped. In this text, we analyze the perception of students from a rural school, in Cachoeira-BA, about HS and its interference in their professional and/or academic projects. In data collection, the Focus Group technique was used. The data revealed that, for these young people, the HS prepares them for work and for continuing their studies. Therefore, although the School does not have all the necessary infrastructure, for these students, the HS fulfilled its objective.

Keywords: High School. Youth. Future Expectation. Educational Policies.

Introdução

O jovem do Ensino Médio (EM) se depara constantemente com dilemas sobre o rumo de sua vida e também vive permeado de descobertas, sendo algumas delas conflitantes, além da crise de identidade. Ele espera obter uma formação completa, que o prepare para a vida, independente de suas escolhas, seja para o trabalho ou prosseguimento nos estudos. Todavia, na reforma do Ensino Médio (Lei 13.415/17), que divide o currículo em duas partes, é facultado ao aluno escolher o que estudar, o que implicará em prosseguir os estudos no nível superior ou (e não “e”) seguir o trabalho.

O Ensino Médio, como uma política pública, tem o papel fundamental de formar o aluno, de fato, para a vida. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9.394/96, Art. 22), “a educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (SENADO FEDERAL, 2005, p. 14). Todavia, uma educação de qualidade deve levar em consideração, sobretudo, políticas públicas que atendam às expectativas dos estudantes para que estes tenham habilidades para reconhecer o meio em que estão inseridos, independentemente de qual seja esse contexto.

O jovem de EM, além de conviver com seus dilemas pessoais sobre seu futuro e a falta de estrutura escolar, agora precisa se adaptar à reforma desse ensino, principalmente por ele se tornar um **ensino integral** e ter **flexibilização do currículo**, o que os deixa dividido nas suas escolhas. Dessa maneira, a parte diversa do currículo do EM poderá contemplar o aluno de certa maneira e de outra não. A vantagem é que o aluno terá uma área específica para se aprofundar, o que deveria acontecer em todas as áreas. Por outro lado, poderá ter dificuldades quando for prestar um vestibular ou o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), por exemplo, pois só houve aprofundamento em uma determinada área de conhecimento e os exames exigirão mais que isso. Outra dificuldade é que o aluno que trabalha não poderá dispor de nove horas de seu tempo para estar na sala de aula. Ou seja, essa política não levou em consideração a estrutura das escolas e as características e o perfil de seus alunos.

O Ensino Médio tem a função de formar o aluno para prosseguir nos estudos e capacitar para o trabalho, porém, há controvérsias quanto a isso. É muito questionado se as escolas, realmente, têm auxiliado o jovem para esse propósito e como isso se dará, principalmente, após a reforma do EM. À vista disso, este trabalho analisou a percepção de alunos da zona rural, em Cachoeira-BA, sobre o Ensino Médio e a interferência deste em seus projetos profissionais e/ou acadêmicos. Para isso, verificou-se as perspectivas de futuro dos alunos e o que eles entendem por Ensino Médio, além das percepções desses estudantes sobre a formação neste nível de ensino.

A abordagem de campo foi realizada em 2018 com 12 alunos de Ensino Médio regular do Colégio Padre Alexandre de Gusmão (CEPAG), localizado no distrito de Belém, município de Cachoeira-BA. O Colégio tinha um total de 177 alunos, sendo 112 nos anos finais 6º ao 9º ano e 65 alunos matriculados no Ensino Médio regular. De acordo com o Censo, disponibilizado pelo Qedu 2017, essas matrículas distribuíam-se em 27 alunos no 1º ano do EM, 20 no 2º ano e 18 no 3º ano. Havia Internet banda larga, abastecimento de água, energia elétrica, cozinha, sala para professores e sala para diretoria. No entanto, o Colégio não dispunha de biblioteca, sala de informática ou quadra esportiva. A nota alcançada pelo Colégio no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) foi de 2,5 nas provas de português e matemática (Prova Brasil) dos anos finais, sendo que sua meta era 3,2.

Para a coleta de dados foi utilizada a técnica de roda de conversa, sendo que antes foi feito o levantamento do perfil dos alunos através de um pequeno questionário. A roda foi gravada e

posteriormente transcrita. Os participantes maiores de 18 anos assinaram o termo de consentimento para uso das informações e os responsáveis assinaram pelos demais. Os resultados foram analisados de acordo com a análise categorial de Bardin (2010).

A escolha do Colégio como objeto da pesquisa se deu pelo fato dele agregar poucos estudantes de Ensino Médio e estar distante do centro de Cachoeira cerca de 5 km. Além disso, estudar as percepções futuras de alunos em um colégio que está inserido em um contexto rural se faz relevante, para desfazer a crença popular de que o jovem aluno que mora na zona rural se forma para o trabalho e dificilmente prosseguirá seus estudos. Vale lembrar que este trabalho é um recorte de uma pesquisa de conclusão de curso,[i] realizada em 2018, por uma das autoras. No momento, o Colégio em questão encontra-se fechado.

Dessa maneira, o presente trabalho foi organizado em duas seções, além das considerações finais. O primeiro aborda o Ensino Médio como uma política pública, seu contexto e associação com as políticas educacionais. Também disserta sobre o jovem de Ensino Médio, as escolhas desses jovens e o papel da escola nas vidas deles. Já o segundo discorre sobre a percepção dos alunos no Ensino Médio sobre sua formação e as suas expectativas de futuro, além de apresentar o perfil dos jovens que participaram da roda de conversa. Por fim, nas considerações finais, são feitas algumas ponderações sobre as expectativas de futuro desses jovens em relação à reforma do Ensino Médio.

1. Ensino Médio como Política Pública

Política pública é a soma das atividades dos governos, que agem diretamente ou através de delegação, e que influenciam a vida dos cidadãos (PETERS,1986 apud SOUZA, 2006). Pode-se, então, resumir política pública como o campo do conhecimento que busca, ao mesmo tempo, "colocar o governo em ação" e/ou analisar essa ação (variável independente) e, quando necessário, propor mudanças no rumo ou curso dessas ações (variável dependente)" (SOUZA, 2006, p. 26).

Dessa maneira, Lotta (2014), ao citar Barrett (2004), destaca que, em relação à implementação, os primeiros estudos, até os anos 1970, tendiam a focar nos processos de tomada de decisão, assumindo-a como um processo hierárquico, que vinha de cima para baixo. As políticas públicas, à medida que eram formuladas e legitimadas pelos superiores, passariam ao sistema administrativo de execução e seriam transformadas, com sucesso, em práticas operacionais a serem implantadas.

Neste contexto, a política pública voltada para Educação Básica deve garantir que todos tenham direito à escola, que ofertará um ensino de qualidade. Logo, essa educação deve atender às reais demandas dos indivíduos, contribuindo para que estes obtenham uma formação que os contemplem, quaisquer que sejam suas escolhas, podendo assim, diminuir desigualdades sociais, além de transformá-los em cidadãos mais conscientes. Tais indivíduos não devem ficar de fora na etapa da criação de uma política que venha atingi-los, para que seus projetos de vida não sejam frustrados. Por isso, é importante realizar diagnósticos, discussão das demandas com estes e também considerar o contexto social no qual estão inseridos.

Em linhas gerais, as políticas educacionais definidas para a Educação Básica não contemplam componentes curriculares específicos, sendo estabelecidas em função da formação escolar como um todo. Todavia, áreas como ciência, física, matemática, português e química aparecem, geralmente, como prioritárias em programas e ações que visam o fortalecimento da escola, tendo em vista que são tidas como componentes curriculares de fundamental valor para a formação. (QUEIROZ; PENNA, 2012, p. 93).

Nesse sentido, Domingues, Toschi e Oliveira (2000) expõem que essas políticas de currículo têm se caracterizado como programas de governo, isto é, com início e fim determinados pelos mandatos. Falta tempo para sua implantação e consolidação no espaço de um governo, acarretando

descontinuidade administrativa e pedagógica. O mais grave é que tais políticas levam ao descrédito no âmbito escolar, uma vez que os professores não acreditam nelas e, portanto, não se engajam efetivamente. Como posto por Lotta: “[...] Os processos políticos pelos quais as políticas públicas são mediadas, negociadas e alteradas durante sua formulação continuam sendo impactados pelos envolvidos na implementação, que desejam manter seus interesses” (LOTTA, 2014, p. 190).

Pode-se compreender que as políticas de educação, direcionadas ao Ensino Médio, muitas vezes são falhas, inclusive por não levarem em consideração as diversas formas de educação que não se restringem apenas ao ambiente escolar: educação vai muito além das salas de aula. Recentemente, o Ensino Médio passou por uma reforma, aparada pela Medida Provisória nº 746/16, sancionada em 16/02/2017 pela Lei nº 13.415/17, a qual busca deixar esse ensino mais flexível. Talvez esse venha a ser também o caso da nova Reforma do Ensino Médio.

A educação, como política pública, deve estar em conformidade com as demandas dos municípios e principalmente na escuta do beneficiário, pois uma política, projeto ou programa não deveria ser implementado sem levar em consideração as opiniões destes beneficiários.

1.1 O jovem no Ensino Médio

O Ensino Médio é o nível de estudo em que o aluno deve refletir sobre seus projetos futuros, viabilizar a profissão adequada, ou seja, o foco está nos projetos de vida. Assim, muitos questionamentos surgem, principalmente em relação à “posição que ocupam no mundo, às possibilidades de mudar seus destinos pessoais, de romper com barreiras impostas pelo meio social de origem, de superar situações de discriminação e de violência [...]” (WELLER, 2014, p. 141).

A escola deve ser uma grande parceira nessa fase, fica sob sua responsabilidade transmitir conteúdos que promovam debates, pesquisa, discussões, entre outras informações. "Por mais que não seja uma influência única (ou mesmo principal), a escola pode contribuir enormemente para esclarecer possíveis escolhas, ajudando seus alunos na definição de seus passos quando finalizarem o Ensino Médio", (DANTAS; SANTOS, 2013, p. 7). Dessa forma, esses jovens, já esclarecidos e motivados, podem superar desafios cotidianos, além de adquirir maturidade e fazer suas próprias escolhas.

A convivência no espaço escolar, os componentes curriculares com todos os seus limites, as atividades que extrapolam o contexto das aulas, assim como as relações estabelecidas com os profissionais da educação, são elementos constitutivos para a construção de projetos de vida. (WELLER, 2014, p. 141)

O aluno que frequenta o Ensino Médio, geralmente, está na faixa de 15 a 17 anos. Este aluno deve concluir esse nível escolar, que tem duração mínima de três anos, com um pensamento mais crítico sobre a sociedade e tudo que o cerca. Neste caso, o Art. 35 da Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96 descreve quatro finalidades desse novo ensino, (SENADO FEDERAL, 2005, p. 18):

I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV – a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Mesmo com a existência dessas finalidades, muitos estudantes do Ensino Médio se sentem perdidos em relação ao significado deste ensino na vida deles. Não conseguem dizer ao certo se serve para prepará-los para o ensino superior, se os preparam para a vida, se é profissionalizante, se é tudo isso ou trata-se de outra definição.

Tudo isso piora quando a escola não tem infraestrutura adequada, como quando há falta de laboratórios, de bibliotecas, de quadra esportiva e de auditório, que lhes proporcionariam um aprendizado mais enriquecedor. Vale ressaltar que o Ensino Médio contribui significativamente na construção da identidade desses jovens, visto que a identidade é a junção de experiências acumuladas do passado, do presente e das expectativas futuras, então, uma formação efetiva com todos os recursos necessários ajudará nesse processo conflitante.

Martins e Carrano (2011) expõem que os jovens criam espaços próprios de socialização que se transformam em territórios culturalmente expressivos e nos quais diferentes identidades são elaboradas. A cultura se manifesta como espaço social privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais. A produção das identidades, além de demarcar territórios de sociabilidades e de práticas coletivas, põe em jogo interesses em comum que dão sentido ao “estar junto” e ao ser dos grupos. Para estes autores, nos territórios culturais juvenis delineiam-se espaços de autonomia conquistados pelos jovens e que permitem a eles transformarem esses mesmos ambientes ressignificados a partir de suas práticas específicas. Esse mesmo processo pode ser observado nas instituições escolares de Ensino Médio por se constituírem em espaços eminentemente juvenis. Escolas sem espaços que contribuam as sociabilidades, como pátios e áreas de lazer, também deixam a desejar.

Neste contexto, Silva e Lopes (2009), ao citar Krauskopf (2003), abordam que a juventude é compreendida como etapa singular do desenvolvimento pessoal e social, por onde os jovens passam a ser considerados sujeitos de direitos e deixam de ser definidos por suas incompletudes ou desvios. Preveem políticas centradas na noção de cidadania, abrindo a possibilidade da consideração dos jovens como sujeitos integrais, para os quais se fazem necessárias políticas articuladas intersetorialmente. Martins e Carrano (2011) acreditam que a sociedade exige bastante dos jovens, porém não oferece oportunidades para que eles façam suas escolhas.

De um modo geral, pensamos o jovem como a possibilidade de um futuro melhor, mas não constituímos as oportunidades de a juventude se reconhecer como tal potencialidade concreta de mudança no tempo presente. Conceituada pelo senso comum, pela escola ou pela mídia como uma construção sociológica dotada de características homogêneas, a juventude surge como portadora de uma cultura socialmente definida. Além de ser pensada como uma fase problemática da vida, na qual a unidade dos indivíduos caracterizaria uma cultura juvenil específica, os jovens são muitas vezes vistos como meros receptores passivos da cultura dominante. (MARTINS; CARRANO, 2011, p. 50).

De acordo com Dayrell (2009), a cultura influencia a construção da identidade do jovem, desse modo, o mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil.

Longe dos olhares dos pais, educadores ou patrões, mas sempre os tendo como referência, os jovens constituem culturas juvenis que lhes dão uma identidade como jovens. As culturas juvenis, como expressões simbólicas da condição juvenil, se manifestam na diversidade em que esta se constitui, ganhando visibilidade através dos mais diferentes estilos, que têm no corpo e seu visual algumas de suas marcas distintivas. Jovens ostentam os seus corpos e neles as roupas, as tatuagens, os *piercings*, os brincos, dizendo da adesão a um determinado estilo, demarcando identidades individuais e coletivas, além de sinalizar um status social almejado. (DAYRELL, 2007, p. 1110)

Nesta perspectiva, Dayrell (2007), ao citar Sacristán (2003), afirma que: “[...] o ‘aluno’ é uma construção histórica, construída no contexto de uma determinada forma escolar, em torno da qual veio se formando toda uma ordem social, na qual se desempenham determinados papéis e se conforma um modo de vida específico” (DAYRELL, 2007, 1119). Desse modo, Dayrell (2007) traz a questão do jovem que chega às escolas públicas, na sua diversidade, que apresenta características, práticas sociais e um universo simbólico próprio que o diferenciam e muito das gerações anteriores.

Neste sentido, Arroyo (2014, p. 55) argumenta que:

É o reconhecimento de que os jovens estudantes que vão chegando ao Ensino Médio são também Outros, de outras origens sociais, raciais, étnicas, dos campos e das periferias. Como garantir seus direitos ao conhecimento, à cultura, aos valores, à formação plena? Que Ensino Médio e que currículos? Cresce a consciência profissional de repensar como ser profissionais, da garantia do direito desses Outros educandos aos conhecimentos e a que conhecimento.

Para Dayrell (2007), os jovens devem construir sua integração em uma ordem escolar, achando em si mesmos os princípios da motivação e os sentidos atribuídos à experiência escolar. Destarte, a juventude é influenciada pelas culturas, meio social e é principalmente nas escolas que os jovens se agrupam com indivíduos de mesma faixa etária para se comunicarem, dividir experiências e até mesmo se relacionar sexualmente. Este é um período de descoberta, aventuras e aprendizagem.

É importante considerar que a escolha profissional está condicionada as diferentes influências, entre as quais estão as expectativas familiares, as situações sociais, culturais e econômicas, as oportunidades educacionais, as perspectivas profissionais da região onde reside e as próprias motivações do sujeito. Se estes aspectos não são levados em consideração, pode haver frustrações profundas no indivíduo e na sua relação com o mundo do trabalho. (MALACARNE, 2007, p. 3).

Assim, a escola é um espaço privilegiado, pois é nesta que os alunos compartilham seus projetos de

vida, suas experiências como jovens. Metaforicamente falando, é como no filme “Procurando Nemo[ii]”, no qual o professor do mesmo o apoia a ir em frente e desbravar o mar; o mesmo acontece no ambiente escolar, o professor precisa apoiar o aluno e incentivá-lo a enfrentar seus medos na conquista de seus objetivos e perspectivas futuras. A escola tem, assim, papel fundamental.

Desse modo, o ambiente escolar é o espaço onde os jovens passam a maior parte do tempo e é de se esperar que as experiências vividas na escola tenham grande impacto na constituição do sujeito. Cabral, Carvalho e Ramos (2004) lembram a importante função da escola de educar por meio do ensino e do professor como peça-chave nesse processo, diminuindo a distância existente na relação professor-aluno e permitindo relações mais humanas e calorosas, nas quais aconteçam trocas e crescimento mútuo.

Ademais, Aguiar e Conceição (2009), ao citar Oliveira e cols. (2003), apontam a necessidade que jovens no final do Ensino Médio tenham mais orientação, discussão e reflexão acerca do futuro. Tal função poderia ser exercida pelos professores durante o processo de ensino dos conteúdos curriculares, desde que houvesse adequada preparação para isso. Percebe-se a importância do professor na construção das perspectivas futuras de seus alunos, além disso, os professores podem atuar como instrutores vocacionais, de forma que os alunos possam ser preparados para fazer suas escolhas futuramente.

1. A percepção dos alunos de Ensino Médio sobre sua formação e suas expectativas de futuro

Nesta seção será abordado o perfil dos alunos do Colégio público situado na zona rural de Cachoeira-BA e que participaram da roda de conversa, a opinião deles sobre o Ensino Médio e suas expectativas de futuro em relação à continuidade de estudos ou o ingresso imediato no mercado de trabalho. Para preservar a identidade dos alunos que participaram desta pesquisa, foi utilizada a letra "R" e dois números para diferenciar cada respondente.

2.1 Perfil dos alunos

Neste contexto, o perfil dos estudantes investigados é bem diversificado. Foi apurado, através de questionário, que eles têm idade entre 14 e 22 anos e são de séries diferentes (1º ao 3º ano). Dentre os 12 discentes participantes, apenas um se identifica como branco, os demais como pretos. Desses 12, dois têm renda acima de dois salários mínimos, um não soube informar e o restante possui renda de até um salário mínimo. Este fato, de certa forma, é comum no município, pois 2.631 domicílios possuem renda mensal de um a dois salários mínimos e 2.321 domicílios possuem renda de ½ salário mínimo, de acordo com o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010.

Nenhum dos entrevistados trabalha e somente um participa de grupo de pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC-EM), em parceria com a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Os demais não fazem parte de nenhum movimento estudantil, cultural ou esportivo.

Neste sentido, Aguiar e Conceição (2009), ao citar Oliveira e cols. (2003), apontam a necessidade que jovens no final do Ensino Médio tenham mais orientação, discussão e reflexão acerca do futuro. Tal função poderia ser exercida pelos professores durante o processo de ensino dos conteúdos curriculares, desde que houvesse adequada preparação para isso. Percebe-se a importância do professor na construção das perspectivas futuras de seus alunos. Além disso, os professores podem atuar como instrutores vocacionais, de forma que os alunos possam ser preparados para fazer suas escolhas futuramente.

2.2 “Ensino Médio forma para quê”?

Foi possível identificar, nos dados obtidos, que o senso comum de que alunos de escola da zona rural se formam para o trabalho não se traduz como verdade em Cachoeira. Quando observado o que o participante pensa sobre a formação do Ensino Médio e sua expectativa de continuidade nos estudos, a pesquisa empírica mostrou que, dos doze presentes, onze alunos tinham intenção de prosseguir, ingressar em uma universidade, sendo que cinco deles desejavam cursar mais de uma área no ensino superior; e apenas um não sabia o que quer fazer após concluir o EM.

Ainda sobre a formação do EM, um deles (R05) declarou que a mesma não servia “pra nada!”. A resposta de R05 é bem peculiar de um jovem que está concluindo o Ensino Médio, com as incertezas, a pressão no ambiente familiar e no escolar. Esse perfil de jovem é daquele que vive sem se preocupar com o amanhã, busca se descobrir, testar coisas novas e se aventurar. Ao contrário desse pensamento, R11 apresentou uma visão mais otimista:

[...] a gente faz o Ensino Médio para [...] conhecer mais sobre a sociedade, desenvolver mais estratégias, então... o Ensino Médio faz isso, faz com que a gente nos capacite e nos prepara para [que] futuramente a gente possa conhecer pessoas novas, hábitos novos e lições novas.

A posição de R11 é mais próxima do que reza a Lei 9.394/96 LDB, em seu já mencionado Art. 35, sobre o Ensino Médio formar o aluno para diversas atividades, que vão da preparação para o trabalho à cidadania (SENADO FEDERAL, 2005).

O Ensino Médio possui finalidades amplas. Contudo, Carrano e Dayrell (2003) observam que a sociedade tende a nos coagir e nos fazer seguir um modelo preestabelecido, cogitando que o jovem deve saber o que fará futuramente, porque está na última etapa da educação básica:

[...] existe uma tendência em nomear a juventude a partir de um modelo que usa como referência determinadas representações sociais que veem o jovem segundo a perspectiva de um ser em construção cujos elementos constitutivos são dados de acordo com os valores ideais das classes média e alta (CARRANO; DAYRELL, 2003, p. 2).

Outra observação, acerca do futuro dos jovens, é feita por Martins e Carrano (2011):

De um modo geral, pensamos o jovem como a possibilidade de um futuro melhor, mas não constituímos as oportunidades de a juventude se reconhecer como tal potencialidade concreta de mudança no tempo presente [...] (MARTINS; CARRANO, 2011, p. 50).

No Colégio investigado, seis estudantes acreditavam que o Ensino Médio os prepara para o trabalho, três consideravam que este nível de ensino lhes prepara para a vida e um “para nada”. É notório que o aluno representado por R11 expressa que o Ensino Médio deve ser completo e não fragmentado, pois, uma vez que este torne-se dual, continuará perpetuando as desigualdades que existem nesse nível de ensino. Um ensino completo lhe permitirá conhecer diversas coisas e continuar aprendendo cada vez mais.

É como visto em Bertolazzi (2017): “[...] desde 1930, o Ensino Médio assumiu uma forma específica de dualidade que se distingue pela oferta de diversas modalidades e pela segmentação e diferenciação dos processos educativos”. (BERTOLAZZI, 2017, p. 296). O Ensino Médio é a base que o aluno tem para prepará-lo como cidadão, profissional e possibilitando-o adquirir conhecimentos para continuar estudando futuramente. Este, por ser a última etapa da educação básica, tem se caracterizado despojado de identidade própria, pois se continuam políticas “antigas” de outros governos com pequenas modificações, e não se investe em uma política inovadora que faça jus a essa última etapa base da educação.

Kuenzer (2000) observa que, no novo Ensino Médio, a separação curricular constitui um ajuste conservador, sendo que uma parte desse currículo está destinada a intelectuais e a outra à classe trabalhadora. Os jovens sentem a necessidade de estudar todas as matérias, até mesmo porque muitos deles pretendem ingressar no nível superior e sentirão dificuldades na prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), por exemplo.

Contudo, apesar de o aluno pretender prosseguir seus estudos no nível superior e de alguns deles pretenderem cursar mais de uma área (Direito e Arquitetura; Medicina Veterinária e Ciências Sociais; e Comunicação são alguns dos cursos que os alunos pretendiam cursar), percebe-se que esse sonho, de certa forma, ficará dividido com a reforma do Ensino. O respondente R02 é um exemplo disso:

Eu estou meio dividida, não sei se eu faço Direito, não sei se eu faço Medicina. Eu pretendo fazer os dois! (R02).

Para cinco alunos pesquisados a reforma é ruim, pois algumas matérias deixarão de ser obrigatórias.

Futuramente isso não é bom. Todas as matérias têm necessidade (R02).

O respondente R10 também se expressou negativamente sobre o novo ensino.

Eu sou contra, porque, assim, a gente não vai estudar todas as matérias, a gente vai ter que abrir mão de algumas matérias, porque eu mesmo não gosto da área de humanas... aí, você tem que escolher linguagens. Eu acho meio ruim isso (R10).

Portanto, ficou notório que o jovem de Ensino Médio que participou da roda de conversa não estaria preparado para prosseguir com seus projetos futuros, talvez pelo fato de estar em processo de construção de identidade, ou simplesmente pelo Ensino Médio provocar essa dúvida nos alunos, por não estar totalmente estruturado com uma finalidade clara.

Considerações finais

Este trabalho relatou como alunos de Ensino Médio de um Colégio público de zona rural do município de Cachoeira-BA – o CEPAG - percebiam a formação no Ensino Médio e suas expectativas de futuro. É importante frisar que uma política pensada para jovens requer cuidado em sua elaboração, pois os jovens que usufruem dessa modalidade de ensino estão em processo de

construção de identidade. Estes, além de enfrentar seus próprios problemas e desafios, precisam, ao mesmo tempo, se dedicar a um nível de ensino que também passa por várias mudanças ao longo dos anos.

A partir das informações coletadas por meio da roda de conversa, a política pública do Ensino Médio no CEPAG tem cumprido seu papel principal, que é o de formar o aluno para a vida. Dessa maneira, a investigação de como os alunos do CEPAG percebem o EM e a interferência deste em seus projetos profissionais e/ou acadêmicos comprovou que eles acreditam que o EM os prepara para o trabalho, bem como para a vida. Também foi observado que os alunos pretendem prosseguir os estudos no nível superior, ainda que não tenham clareza sobre o curso a fazer.

Além disso, foi possível perceber que os alunos pesquisados passam por dois dilemas: além da falta de estrutura da escola, com a ausência de equipamentos essenciais para sua formação, como a biblioteca, eles vivem na incerteza de como ficará o ENEM com a reforma do ensino, se irá se adaptar ao novo formato, já que terão que se aprofundar em uma determinada área do conhecimento, deixando as demais de lado. Ou, se continuará o mesmo e, neste caso, eles terão dificuldade para fazer as provas, dada a não obrigatoriedade de algumas disciplinas e isto, de uma forma ou de outra, será um empecilho para a realização do sonho de ingresso no nível superior.

Portanto, observou-se que o fato de os alunos estudarem em um colégio de zona rural não os diferencia do pensamento dos demais jovens urbanos, do mesmo nível de ensino, em relação aos conflitos identitários e ao ingresso em curso superior, desmistificando, assim, a crença popular.

Com relação às dúvidas que ainda carregam sobre o Ensino Médio, sobretudo a nova reforma, é preciso que haja uma mudança na infraestrutura da escola e na capacitação dos professores, uma vez que nem todos têm base teórica para lidar com as diversas mudanças educacionais e transmiti-las aos seus alunos.

Assim, tanto professores quanto os demais membros escolar também podem atuar como instrutores vocacionais desses jovens, ajudando-os com discussões e debates acerca de temas de diferentes áreas. Dessa forma, esta pesquisa pode servir como auxílio para reflexões de pesquisadores da área educacional e como referência para jovens que buscam compreender para que serve o Ensino Médio, uma vez que estes podem se sentir familiarizados com a fala de outros jovens na mesma situação que eles.

Referências

- AGUIAR, F. H. R e CONCEIÇÃO, M. I. G. Expectativa de futuro e escolha vocacional em estudantes na transição para o Ensino Médio. **Revista brasileira de orientação profissional**. Brasília, 10(2), p. 105-115, 2009.
- ARROYO, M. G. Repensar o Ensino Médio: por que? Sessão1. In: Dayrell, J. et.al. **Juventude e Ensino Médio**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Ed. 70, LTDA, mar., 2010.
- BERTOLAZZI, E. A contra reforma do Ensino Médio no contexto da nova ordem e progresso. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 139, p. 293-308, abr./jun. 2017.
- CARRANO, P. C. R; DAYRELL, J. Jóvenes de Brasil: dificultades de finales del siglo y promesas de un mundo diferente. Jovenes: **Revista de Estudios Sobre Juventude, México**. Df, v. 1, n. 17, p. 160-203, 01 jul., 2003.
- DANTAS, L. M. V. SANTOS, G. G. dos. Escola não é lugar para discutir o futuro? reflexão sobre a percepção de alunos concluintes do ensino médio em Santo Amaro, Bahia. In: SIMPÓSIO BAIANO DE LICENCIATURAS, 3, 2013, Cruz das Almas. **Anais [...]** Cruz das Almas: UFRB, 2013. p. 1-13. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/32031/1/Observat%C3%B3rio%20da%20vida%20estudantil%20-%20dez%20anos%20RI.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2020.
- DAYRELL, J. A escola “faz” as Juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **CEDES**, Campinas, v. 28, n.100, p. 1105-1128, out., 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2017.
- DOMINGUES, J. J.; TOSCHI, N. S.; OLIVEIRA, J. F. de. A reforma do Ensino Médio: a nova formulação curricular e a realidade da escola pública. **CEDES**, Campinas, v. 21, n. 70, p. 63-79, abr., 2000.
- GOMES, A. R. C.; MALACARNE, V. **Os alunos do Ensino Médio e os desafios das escolhas para a formação profissional**. Material pedagógico. 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2419-8.pdf>. Acesso em: 13 out. 2020.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Trabalho e Rendimento**. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/cachoeira/panorama>. Acesso em: 27 out. 2017.
- KUENZER, A. Z. O Ensino Médio agora é para a vida: Entre o pretendido, o dito e o feito. **CEDES**, Campinas, v. 21, n. 70, p. 15-39, abr., 2000.
- LOTTA, G. S. Agentes de implementação: uma forma de análise de políticas públicas. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**, v. 19, n. 65, p. 188-208, 2014.
- MALACARNE, V. et al. A escolha profissional e Ensino Superior: uma experiência a partir da educação de jovens e adultos. In: XIX Semana de Educação, 2007. **Anais [...]** Cascavel, 2007. p. 01-10.
- MARTINS, C. H. S. e CARRANO, P. S. R. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Revista Educação**. Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 43-56, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/2910/1664>. Acesso em: 27 nov. 2017.
- QUEIROZ, L. R.S.; PENNA, M. Políticas públicas para a educação básica e suas implicações para o

ensino da música. **Educação**. Santa Maria, v. 37, n. 1, p. 91-106, jan./abr., 2012.

SOUZA, Celina. Políticas públicas: uma revisão de literatura. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 8, n.16, p. 20-45, jul./dez., 2006.

SENADO FEDERAL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Senado Federal, 2005. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2020.

SILVA, C. R.; LOPES, R. E. Adolescência e juventude: Entre conceitos e Políticas Públicas. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**. São Carlos, v. 17, n. 2, p. 87-106, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/100/65>. Acesso em: 25 nov. 2017.

WELLER, W. Jovens no Ensino Médio: projetos de vida e perspectivas de futuro. In: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. (Org.). **Juventude e Ensino Médio**: Sujeitos e Currículos em Diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 135-154. Disponível em: https://www.academia.edu/19298388/Jovens_no_ensino_m%C3%A9dio_projetos_de_vida_e_perspectivas_de_futuro. Acesso em: 13 jul. 2020.

[1] SILVA, I. J.dos S. da. **Conversa com alunos do Ensino Médio sobre a nova Reforma**. 54 f. 2018. Trabalho de Conclusão do Curso de Tecnologia em Gestão Pública – Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2018. Disponível em:

https://www.ufrb.edu.br/gestaopublica/images/phocadownload/20181TCCconcluidos/SILVA_Conversa_alunosEnsinoMedio_Reforma.pdf. Acesso em: 13 jun. 2020.

[1] Procurando Nemo. Direção: Andrew Stanton e Lee Unkrich. Produção: Graham Walters, Jinko Gotoh e John Lasseter. Estados Unidos: Disney Pixar, 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NVvBdsWwUtQ>. Acesso em: 21 jun. 2020.

* Tecnóloga em Gestão Pública pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Pesquisadora do Grupo Organizações, Gestão e Políticas Públicas (OrGPoP). E-mail: islanejannaina@gmail.com

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB); Bacharela em Comunicação Social/Jornalismo e Tecnóloga em Gestão Pública pela UFRB. Pesquisadora do Grupo Organizações, Gestão e Políticas Públicas (OrGPoP). E-mail: valdelicecsantos@gmail.com.